

Sebastião Velasco e Cruz
André Kaysel
Gustavo Cudas
(organizadores)

DIREITA, VOLVER!

**o retorno da direita e o
ciclo político brasileiro**

Adriano Codato
Alvaro Bianchi
Ana Claudia Chaves Teixeira
Andrei Koerner
Bruno Bolognesi
Camila Rocha
Fernando Martínez-Escobar
Flávia Schilling
José Tomás Sánchez-Gómez
Julio Córdova Villazón
Karolina Mattos Roeder
Luciana Tatagiba
Marco Antonio Faganello
Reginaldo C. Moraes
Sávio Cavalcante
Sergio Amadeu da Silveira
Thiago Trindade
Venício A. de Lima

Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

Diretoria

Presidente: Marcio Pochmann

Vice-presidente: Iole Ilíada

Diretoras: Fátima Cleide, Luciana Mandelli

Diretores: Kjeld Jakobsen e Joaquim Soriano

Editora Fundação Perseu Abramo

Coordenação editorial

Rogério Chaves

Assistente editorial

Raquel Maria da Costa

Revisão

Angélica Ramacciotti

Capa e editoração eletrônica

Antonio Kehl

Foto de capa

Flickr Mídia Ninja, Manifestação pelas Reformas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D598 Direita, volver! : o retorno da direita e o ciclo político brasileiro / Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel, Gustavo Codas (organizadores). – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.
304 p. : il. ; 30 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7643-292-0

1. Política - Brasil. 2. Direita e esquerda (Ciência política). 3. Meios de comunicação. 4. Conservadorismo. 5. Política - América Latina. I. Velasco e Cruz, Sebastião. II. Kaysel, André. III. Codas, Gustavo.

CDU 329.055.2(81)

CDD 320.50981

Este livro obedece às regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora Fundação Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 224 – Vila Mariana
CEP 04117-091 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 5571-4299 – Fax: (11) 5571-0910
editora@fpabramo.org.br
www.efpa.com.br
www.facebook.com/fundacao.perseuabramo
twitter.com/fpabramo

Protestos à direita no Brasil (2007-2015)¹

*Luciana Tatagiba, Thiago Trindade e
Ana Claudia Chaves Teixeira*

Introdução

Em 2015, foi a primeira vez que organizações sem tradição de luta à esquerda convocaram, com êxito, mobilizações massivas de protesto após o restabelecimento da democracia. Desde o ciclo de manifestações contra o regime autoritário, que culminou na grande campanha pelas Diretas Já, a esquerda brasileira tem dominado as ruas, com suas cores, músicas, palavras de ordem e performances. Mas, a partir de 2007, assistimos à emergência de um novo conjunto de atores que ao longo dos anos tem buscado desafiar essa hegemonia da esquerda, imprimindo novos contornos aos protestos de rua no Brasil.

Este texto se debruça sobre tais protestos à direita e procura apreender suas dinâmicas, tendo como unidade de análise os eventos de protesto.² Para delimitação do nosso referente empírico partimos de uma categoria ampla: “protestos à direita”. Com essa expressão nos referimos a eventos de protestos de natureza política, que *não* foram convocados por organizações

¹ Esse texto é uma versão reduzida do texto “CorruPTos: uma análise dos protestos à direita no Brasil (2007-2015)”, no prelo.

² A análise tem como orientação geral os estudos sobre protestos no âmbito da vertente do *contentious politics* (McAdam, Tarrow e Tilly, 2001)

de esquerda, *tampouco* encontram nas redes tradicionalmente ligadas ao campo da esquerda as condições infraestruturais para sua viabilização. Sua localização à direita resulta de uma posição relacional contra a esquerda, nesse sentido restrito.

Nosso marco temporal é de 2007 (quando surge o “Cansei”) até 16 de agosto de 2015. A pesquisa consistiu no levantamento de informações publicadas na imprensa³ sobre protestos à direita na cidade de São Paulo, identificando um total de 16 eventos de protestos (ver Quadro 1) que foram catalogados a partir das variáveis: data de realização do protesto, local, número de participantes, palavras de ordem e contexto. Com base nesses dados, resgatamos a cronologia dos eventos e suas principais características, às quais agregamos uma análise sobre o perfil das lideranças e das organizações que convocaram os protestos, um perfil dos participantes e o enquadramento simbólico do conflito.

O argumento central do texto é que, embora os protestos tenham sido convocados por organizações que claramente se localizam à direita do espectro político – com uma defesa aberta e intransigente da redução do papel social do Estado –, a população que compareceu aos protestos, em sua maioria das classes A e B, apresenta um perfil mais complexo. Nesse estágio, não parece possível afirmar que os participantes estejam na rua unidos pela defesa de um projeto político de contornos claros, nem que sejam “de direita” no que se refere ao seu posicionamento político. O que os une, desde 2007, é a luta contra o PT e contra a corrupção, a partir de um discurso que associa os governos petistas ao mau uso da máquina pública. O contexto de denúncia e julgamento do “Mensalão” do PT (de 2005 a 2012) e as denúncias de corrupção envolvendo a Petrobras (durante as eleições de 2014) contribuiriam fortemente para alimentar esse sentimento. Somada a isso, a crise econômica pela qual passa o país também se constitui em um elemento conjuntural importante para a compreensão desse cenário.

³ As fontes da pesquisa foram os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, o site UOL Notícias e a revista *Veja*, complementadas por revistas e sites vinculados a mídias alternativas e de esquerda, além dos jornais internacionais *El País* e *The Guardian*. Apesar das inovações recentes quanto ao método, os jornais continuam sendo a fonte de informação mais comum nos estudos sobre protestos, mesmo diante dos problemas relativos à seletividade no que será divulgado e como. Sobre as vantagens e limites do uso das notícias de jornal para análise dos eventos de protesto remetemos a Hutter e Kerscher (2014).

Uma rápida cronologia dos eventos de protestos à direita

Quadro 1 – Protestos à direita em São Paulo
(julho de 2007 a agosto de 2015)

Data	Organizadores	Palavras de ordem	Público
29/7/2007	Cansei	“Cansei”; “Respeito”; “Basta”; “Fora Lula”	5.000 -
17/8/2007	Cansei, OAB	“Cansei”, “Fora Lula”, “Lula ladrão, seu lugar é na prisão”	2.000 5.000
Jun. e Jul. 2013	-	“Fora Dilma”, “Fora PT” “O povo acordou, o povo decidiu ou para a roubalheira ou paramos o Brasil”	-
16/10/2014	Vem Pra Rua	“Fora PT”, “Fora Dilma”, “Fora corruptos”	300 -
22/10/2014	Vem pra rua	“Fora PT”, “Fora Dilma”, “Fora corruptos”	1.000 20.000
25/10/2014	Vem pra rua	“Fora PT”, “Fora Dilma”, “Fora corruptos”	8.000 -
1/11/2014	Movimento Brasil Livre (MBL) Vem Pra Rua	“Fora PT”, “Fora Dilma”, “Fora corruptos”	3.000 3.000
15/11/2014	Vem Pra Rua	Fora PT”, “Fora Dilma”, “Fora corruptos”	6.000 10.000
29/11/2014	Revoltados On-line (ROL)	“Fora Dilma”, “Fora PT”, “Fora Corruptos”, “Impeachment”	500 -
6/12/2014	MBL Vem Pra Rua	“Fora PT”, “Fora Dilma”, “Fora corruptos”	5.000 -
8/3/2015	-	Panelaço, Palavras de conteúdo sexista	-
13/3/2015	ROL	Impeachment	50
15/3/2015	MBL Vem Pra Rua/ ROL	“Fora PT”, “Fora Dilma”, “Fora corruptos”	1 milhão 210 mil Datafolha
12/4/2015	MBL Vem Pra Rua ROL	“Fora PT”, “Fora Dilma”, “Fora corruptos”	100 mil
6/8/2015	-	Panelaço	-
16/8/2015	MBL Vem Pra Rua ROL	“Fora PT”, “Fora Dilma”, “Impeachment”	1 milhão 135 mil Datafolha

Fonte: Elaboração própria a partir de *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, UOL Notícias, *El País* e *The Guardian*.

* Na coluna sobre público participante, a primeira linha traz a informação da Polícia Militar e a segunda a dos organizadores. No evento do dia 15/3/2015, trouxemos a informação divulgada pelo Instituto Datafolha, para contrastar com o número divulgado pela PM.

Em 29 de julho de 2007, uma passeata em homenagem às vítimas do maior acidente aéreo da história brasileira (com 199 mortos) se transformava em crítica à gestão do setor que teria gerado um “caos aéreo” (Oliveira, 30/7/2007). Nos cartazes, letras brancas sobre o fundo escuro expressavam a solidariedade às famílias, ao lado de “Fora Lula”, “Respeito”, “Cansei” e “Basta” (Idem). Essa foi a primeira aparição pública do que ficaria conhecido como Movimento Cansei, o Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros,⁴ criado cinco dias após o acidente da TAM. Ao lado do “caos aéreo” o “basta” se estendia também às denúncias de corrupção do “mensalão do PT”, iniciadas em 2005.⁵ Um mês após o acidente da TAM, em 17 de agosto, o Cansei voltou às ruas, dessa vez ocupando a Praça da Sé, em memória das vítimas do acidente aéreo, contra a corrupção e a carga tributária. Mas, no título da reportagem, a *Folha de S.Paulo* chama a atenção para o foco do protesto: “Na Sé, Cansei desemboca em ‘Fora Lula’” (Capriglione et al., 18/8/2007).

Não houve outras manifestações convocadas pelo Cansei. O movimento não foi levado a sério nem pelos partidos políticos de oposição tampouco pela imprensa. Manter as mobilizações se mostrava, de qualquer forma, uma tarefa difícil em um contexto de crescimento econômico e altas taxas de aprovação do presidente.⁶

Os gritos de “Fora PT” só voltariam a ser ouvidos em 2013, no contexto do ciclo de protestos contra o aumento da tarifa do transporte público. E agora não era mais “Fora Lula”; mas “Fora Dilma”.

A primeira passeata contra o aumento dos transportes ocorreu no dia 6 de junho e contou com duas mil pessoas. No dia seguinte, os protestos reuniram cinco mil pessoas. No dia 11, 10 mil pessoas e no dia 13, sete mil pessoas.

⁴ Um dos criadores do Cansei foi o empresário João Dória Jr, atualmente pré-candidato à prefeitura de São Paulo, pelo PSDB. Uma entidade de peso que apoiou a criação do movimento foi a OAB de São Paulo, muito embora a OAB nacional tenha negado apoio e a OAB do Rio de Janeiro tenha criticado o movimento abertamente

⁵ No início de maio de 2015, a Justiça inocentou os três principais acusados pelo desastre da TAM. O juiz acatou o laudo da Aeronáutica de que o acidente teria sido causado por um problema técnico, hipótese que não fora aventada pela imprensa. Da decisão ainda cabe recurso.

⁶ Em dezembro de 2008, Lula atingiu 70% de aprovação. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2008/12/1222235-governo-lula-bate-novo-recorde-e-e-aprovado-por-70-dos-brasileiros.shtml>>. Acesso em: mar. 2015.

Em todas elas houve forte repressão policial. No dia 13, a repressão foi mais violenta, com 130 detidos e muitos feridos, entre eles jornalistas. A partir desse ponto as manifestações se nacionalizaram, e a comparação com os ciclos de protestos das Diretas Já e Fora Collor demarcavam a importância política do evento. Após a repressão dos protestos no dia 13 de junho, a corrupção se tornou um dos temas mais presentes nas ruas e nas redes sociais. No dia 15 de junho começou a Copa das Confederações, e Dilma foi vaiada no estádio Mané Garrincha, no Distrito Federal.⁷ No dia 20 de junho de 2013, o Datafolha apurou que mais de 50% dos manifestantes das Jornadas de Junho estavam lá contra a corrupção e apenas 32% pela redução da tarifa.⁸

O sentimento antipartido esteve presente em quase todas as manifestações, mas principalmente no dia 20 de junho em São Paulo, quando houve conflitos entre manifestantes (Krepp, 21/6/2013). Os alvos principais das hostilidades eram os militantes petistas, evidenciando uma forte associação entre antipartidarismo e antipetismo. O discurso do ódio – e as imagens eram eloquentes com jovens queimando ou mordendo as bandeiras do PT – ficaria mais evidente na campanha presidencial de 2014, que precipitou novos protestos contra o governo.

Os atos de 2014 foram convocados no momento de uma polarização extrema no debate eleitoral em nível nacional entre PT e PSDB, embalado por denúncias de corrupção envolvendo desvio de recursos da empresa estatal Petrobras. Três protestos foram convocados antes das eleições de 26 de outubro e, oficialmente, tinham como finalidade principal o apoio à candidatura de Aécio Neves, que naquele momento passou a aglutinar as forças oposicionistas. Os atos tiveram seu epicentro em São Paulo, mas ocorreram também em outras cidades brasileiras. O preconceito contra os nordestinos e as críticas ao Bolsa Família viralizaram nas redes sociais, com acentuada conotação de ódio de classe.

A esquerda também convocou manifestações em apoio à Dilma, e a forte polarização política resultou em um dos pleitos mais disputados da história desde 1989, com apertada vantagem para a petista. Menos de uma semana

⁷ Vale lembrar que a vaia também esteve presente na abertura dos jogos Pan Americanos de 2007, quando Lula foi vaiado seis vezes e não fez a declaração habitual de abertura dos jogos.

⁸ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1299344-corrupcao-e-principal-motivacao-de-manifestantes-em-sp-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: abr. 2015.

após o resultado, os protestos contra a presidenta reeleita começaram. No dia 1 de novembro, o protesto era contra o governo do PT, contra a corrupção na Petrobras (e em geral) e, em menor medida, pelo *impeachment* da presidenta recém-eleita – o “Fora Dillma”, estilizado com dois “L” em verde e amarelo, buscava estabelecer um paralelo entre a crise política atual e a que levava, em 1992, ao *impeachment* de Collor. Em 15 de novembro, novo ato reuniu cerca de 6 mil pessoas, segundo a PM, e 10 mil segundo os organizadores. Os carros de som anunciavam que respeitavam os resultados eleitorais e não estavam lá para pedir o *impeachment* da presidenta, enquanto parte dos manifestantes entoavam gritos de “Fora PT” e “Fora Dilma”, além de queimarem bandeiras do PT. Já o protesto do dia 29 de novembro reuniu apenas 500 pessoas na Avenida Paulista e tinha como pauta clara o pedido de *impeachment* (Chapola e Kattah, 29/11/2014). Como já acontecera em protestos anteriores, houve princípio de confusão entre grupos pró e contra intervenção militar, e coube ao cantor Lobão afirmar que ali “não havia ninguém golpista”. A última manifestação de 2014 em São Paulo foi realizada no dia 6 de dezembro (também na Paulista) e teve como pauta principal a corrupção na Petrobras. Houve a presença de figuras da oposição, como o senador José Serra e seu suplente José Aníbal, ambos do PSDB (Lima e Machado, 6/12/2014).

Já em 2015, as organizações que convocaram os protestos, principalmente Vem pra Rua, Movimento Brasil Livre (MBL) e Revoltados On-line (ROL) ganharam mais espaço na mídia e ampliaram suas inserções nas redes sociais. Todo esse contexto de mobilização foi reforçado pela situação de crise econômica e a consequente decisão do governo de adotar um conjunto de medidas fiscais, tais como aumento de impostos e cortes nos gastos sociais, especialmente no setor previdenciário, que geraram forte descontentamento popular, inclusive junto aos segmentos que foram decisivos para a reeleição de Dilma Rousseff. Em fevereiro, os que avaliavam o governo Dilma como ótimo ou bom eram apenas 23%.⁹

No dia 8 de março, nas comemorações pelo Dia Internacional da Mulher, Dilma Rousseff faz um pronunciamento em rede nacional no qual busca legitimar as medidas econômicas adotadas pelo governo. Durante os 15 minutos

⁹ Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/02/1587329-aprovacao-a-governo-dilma-rousseff-cai-e-reprovacao-a-petista-dispara.shtml>>. Acesso em: mar. 2015.

de fala da presidenta, foi realizado um “panelaço” em áreas nobres de algumas capitais do país, com destaque para a cidade de São Paulo.

Nesse íterim, no dia 13 de março, organizações de esquerda (com destaque para a CUT e o MST) convocaram uma manifestação em defesa dos direitos trabalhistas e, de certa forma, em defesa do governo Dilma. O ato reuniu um contingente expressivo de pessoas, 41 mil segundo o Datafolha. Os grupos à esquerda comemoram o feito, mas o duelo das ruas mostraria, nos dias seguintes, a vitória numérica da direita.

No dia 15 de março, após meses de articulação e de convocação pelas redes sociais, realiza-se em várias cidades do país uma manifestação de grandes proporções contra a presidenta Dilma e o PT. Os organizadores principais continuam sendo o MBL, Vem Pra Rua e ROL. Na época, essas três organizações concordavam com o alvo, o PT, mas o Vem pra Rua discordava da bandeira pelo *impeachment*. A cidade de São Paulo foi, sem dúvida, o grande epicentro da manifestação, com 1 milhão de pessoas ocupando a Avenida Paulista segundo os organizadores – o Instituto Datafolha estimou o público total em 210 mil. Apesar da divergência numérica, o Datafolha destacou que era a maior manifestação na Avenida Paulista desde as Diretas Já em 1984.

No dia 18 de março, três dias após as manifestações, o Datafolha divulgou pesquisa de opinião sobre a aprovação do governo federal.¹⁰ Os números foram desastrosos para a presidenta: 62% classificaram sua gestão como ruim ou péssima, 24% consideravam regular e apenas 13% aprovaram o governo. O dado mais preocupante para o governo e o PT: a reprovação à gestão de Dilma aumentou em todos os segmentos sociais analisados pelo Datafolha, bem como em todas as regiões do país.

No dia 12 de abril foi realizado o segundo grande ato contra Dilma Rousseff e o PT, com público estimado em 800 mil para os organizadores, 275 mil para a PM e 100 mil para o Datafolha (G1 São Paulo, 12/4/2015). Na preparação para o ato, as organizações fecharam posição em defesa do *impeachment* como uma das bandeiras centrais do protesto. Em termos numéricos, os protestos de abril foram inferiores a março, que teve público estimado em

¹⁰ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1604420-no-3-mes-do-novo-mandato-62-ja-desaprovam-dilma.shtml>. Acesso em: mar. 2015.

210 mil (segundo o Datafolha). A sensação de que os protestos poderiam estar enfraquecendo foi reforçada pelo fiasco da “Marcha da liberdade”. Em 24 de abril, respondendo à convocação do MBL, um grupo de 23 pessoas saiu de São Paulo com o intuito de marchar até Brasília (num percurso de cerca 1.007 km) para pedir o *impeachment* de Dilma ao Congresso Nacional. A marcha chegou à Brasília no dia 27 de maio e, embora seus organizadores contassem com a participação de cerca de 40 mil manifestantes para um grande ato em frente ao Congresso Nacional, pouco mais de 300 pessoas marcaram presença segundo a PM do Distrito Federal.

Na noite de 6 de agosto de 2015, durante o programa eleitoral do PT em rede nacional (com dez minutos de duração), houve a realização de um novo painel em várias cidades do país. Esse painel foi uma espécie de prévia para a terceira grande mobilização de rua que aconteceria dez dias depois, no dia 16 de agosto. Vale destacar que no dia 6, mesmo dia do painel, havia sido divulgada pelo Datafolha mais uma pesquisa sobre a avaliação da gestão Dilma: para 71% dos entrevistados, o governo era ruim ou péssimo; 20% consideravam regular e apenas 8% aprovaram a gestão petista.¹¹

Os protestos do dia 16 de agosto atingiram todas as unidades da federação e o Distrito Federal. Segundo estimativas da Polícia Militar, cerca de 879 mil pessoas participaram das manifestações em todo o Brasil.¹² Em São Paulo, mais uma vez houve divergência na contagem dos números, como vemos no Quadro 1. Independentemente das estimativas, o fato é que as manifestações antipetistas continuaram demonstrando força numérica e alcance territorial considerável, alastrando-se por todo o território nacional.

Em todos os protestos contra o governo, as cores verde e amarelo predominaram e o “amor à pátria” aparecia nos cartazes e nos corpos enrolados com a bandeira do Brasil.

¹¹ Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/08/1665278-re-corde-reprovacao-a-dilma-supera-pior-momento-de-collor.shtml>>. Acesso em: ago. 2015.

¹² Pelos cálculos da PM, este número foi superior às manifestações do dia 12 de abril (701 mil), mas inferior à primeira grande mobilização do dia 15 de março (2,4 milhões).

Organização, perfil dos manifestantes e frames

As quatro organizações que entre 2007 e 2015 estiveram à frente dos protestos, convocando as manifestações, dialogando com a imprensa e fazendo a disputa nas redes sociais foram o Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros (o Cansei, criado em 2007), o Vem para Rua, o MBL e ROL, os três últimos criados no contexto da campanha eleitoral de 2014. Suas lideranças são homens brancos, que se apresentam como empresários, e têm seu discurso reverberado em setores de classe média e média alta, com destaque para os formadores de opinião na classe artística. Embora se afirmem apertados, é comum o envolvimento de suas lideranças com as campanhas do PSDB.¹³

Trata-se de organizações sem lastro social,¹⁴ sem reconhecimento político e com frágil capacidade de produzir um debate qualificado em torno de suas demandas. Por isso, é ainda mais importante aprofundar a compreensão das conexões menos aparentes que têm sustentado, ao longo do tempo, as ações de mobilização à direita. Uma pista é seguir os dados relativos ao financiamento dessas organizações e as redes nacionais e internacionais às quais suas lideranças estão vinculadas.¹⁵ Outra pista é compreender o papel das redes sociais como importantes veículos para o recrutamento de participantes, assim como a mídia tradicional. A atuação da TV Globo – nas três grandes mobilizações de rua realizadas em 2015 – não deixa dúvidas em relação à importância da televisão para a “convocação” (não de forma explícita, obviamente) das manifestações.

No que se refere ao perfil sócio-demográfico dos manifestantes, as pesquisas realizadas durante os atos em 2015 confirmam a base social de classe média e alta que os jornais, em tom de deboche, já identificavam nos protestos

¹³ O PSDB manteve durante todo o período uma posição ambígua em relação aos protestos.

¹⁴ No dia 15 de março, 91% dos manifestantes disseram não ter qualquer tipo de ligação com os grupos que convocaram os protestos. Documento “Manifestação na Avenida Paulista, 15/3/2015”, disponível em <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>>. Acesso em: mar. 2015.

¹⁵ Nesse sentido, vale a pena lembrar que alguns dos principais membros do MBL são fundadores de uma Organização da Sociedade Civil para Interesse Público (Oscip), denominada Estudantes pela Liberdade (EPL), a filial brasileira da Students for Liberty, que por sua vez é financiada pelos irmãos Koch. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/quem-esta-por-tras-do-protesto-no-dia-15-3213.html>. Acesso em: mar. 2015.

do Cansei em 2007.¹⁶ Os protestos são protagonizados pelas classes A e B. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha,¹⁷ 63% dos participantes nos protestos no dia 15 de março de 2015 eram do sexo masculino, com idade média de 40 anos, 76% com ensino superior e 69% se declararam brancos. A segmentação por renda informa que 29% tinha renda mensal familiar até 5 salários-mínimos, 27% de 5 a 10 salários-mínimos, 22% de 10 a 20 salários-mínimos, e 19% mais de 20 salários. Com pequenas variações, esse retrato se manteve nas pesquisas realizadas nos atos posteriores. Em artigo recente, os diretores do Instituto Datafolha destacam esse traço dos protestos recentes no Brasil: a sub-representação das mulheres, dos menos escolarizados e dos jovens. O perfil elitista é mais acentuado nas mobilizações contra o governo, mas mesmo os grupos que estão indo às ruas para rechaçar o *impeachment* parecem possuir relativamente pouca capilaridade social nesses segmentos.¹⁸ Em outras palavras, até as ruas parecem reproduzir um determinado padrão de representatividade política no Brasil, marcado pela supremacia dos homens brancos, mais escolarizados e de renda mais elevada que a média da população.

No que se refere aos valores e à posição dos manifestantes, se levarmos em conta as díades *direta x esquerda* e *conservadores x progressistas* o que o conjunto das pesquisas vem mostrando é um quadro bastante complexo, que de certa forma expressa as incertezas do momento político atual e a dificuldade em estabelecer categorizações rígidas para a compreensão do conflito político.

Apesar de bastante ruidosos e com grande destaque nas mídias, os defensores da volta à ditadura são uma minoria nos protestos. Segundo o Datafolha,¹⁹ 85% afirmam que a democracia é sempre a melhor forma de governo. Esse traço é confirmado em novo levantamento no dia 16 de agosto, quando 71% dos entrevistados afirmam que a saída não está em entregar o poder aos militares. Para 88%, a saída é eleger um “político honesto”. Instados a indicar

¹⁶ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2007/08/17/ult23u504.jhtm>>. Acesso em: mar. 2015.

¹⁷ Documento “Manifestação na Avenida Paulista, 15/03/2015”, disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>>. Acesso em: mar. 2015.

¹⁸ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2015/08/1672316-analise-manifestacoes-carecem-de-representatividade-social-e-demografica.shtml>. Acesso em: ago. 2015.

¹⁹ Documento “Manifestação na Avenida Paulista, 15/03/2015”, disponível em <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>>.

figuras públicas mais honestas, os entrevistados apontaram em primeiro lugar Jair Bolsonaro (PP) seguido do juiz Sérgio Moro.²⁰

Quanto à autoidentificação ideológica, a maioria se localiza entre o centro e a direita. Uma análise mais detida dos dados das pesquisas de perfil, permite compreender melhor o que significa para os manifestantes ser de centro ou de direita.

No que se refere à adesão político-partidária, a maioria afirma não ter partido preferido e, dentre os que têm, o PSDB aparece com o maior número de preferências.²¹ A esmagadora maioria dos presentes nos protestos de 2015 afirma ter votado em Aécio Neves (PSDB) no segundo turno das eleições.²² Contudo, a rejeição ao sistema político espalha-se pelo conjunto das agremiações partidárias e setores do Estado, nos diferentes níveis da federação. Pesquisa realizada no protesto do dia 16 de agosto indica que 42% dos manifestantes consideram que Geraldo Alckmin está envolvido em esquemas de corrupção e 80% consideram que é grave o “mensalão do PSDB”.²³ Dentre os considerados mais corruptos estão Eduardo Cunha (71%), Dilma Rousseff (89,6%) e Renan Calheiros, considerado corrupto para 94% dos entrevistados.

No que se refere à moral e aos costumes, a maioria dos manifestantes apresenta um perfil progressista. E é importante lembrar que não estamos falando de jovens, mas de uma maioria de 40 anos ou mais. A Fundação Perseu Abramo comparou o perfil dos manifestantes nos protestos do dia 13 de março (a favor do governo) e do dia 15 de março (contra o governo)²⁴ e um dos tópicos refere-se à tolerância em relação à pluralidade de valores e opiniões: nas duas manifestações, a maioria se posiciona contra a ideia de que Deus não existe;

²⁰ Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPolitica%2FPesquisa-revela-que-grupo-pro-impeachment-nao-tem-potencial-de-crescimento%2F4%2F34281>>. Acesso em: ago. 2015.

²¹ No dia 15 de março, 37% dos manifestantes afirmaram ter simpatia pelo PSDB, mas 51% não possuem preferência por nenhum partido. Todavia, a ampla maioria dos manifestantes (94%) não possui nenhum tipo de filiação partidária.

²² No segundo turno das eleições presidenciais de 2014, 82% afirmaram ter votado em Aécio Neves, e apenas 3% em Dilma Rousseff.

²³ Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPolitica%2FPesquisa-revela-que-grupo-pro-impeachment-nao-tem-potencial-de-crescimento%2F4%2F34281>>. Acesso em: ago. 2015.

²⁴ Documento “Projeto: manifestações março de 2015”, disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/fpa-pesquisa-manifestacoes.pdf>>. Acesso em: mar. 2015.

contra a afirmação de que mulheres que abortam deveriam ser presas; e a favor da adoção de crianças por casais gays e lésbicas. A divergência está no posicionamento quanto à pena de morte: 69% totalmente contra (no protesto do dia 13); e 37% totalmente contra (no protesto dia 15). Também há divergências importantes em relação à legitimidade das manifestações populares. Postura mais liberal também se destaca nos manifestantes presentes ao ato de 12 de abril,²⁵ com a maioria dos manifestantes posicionando-se a favor do casamento e adoção de crianças entre pessoas do mesmo sexo e com 44% favoráveis à legalização do aborto. Nessa mesma pesquisa, 74% são favoráveis à redução da maioridade penal, um número alto, mais ainda menor do que a média nacional, que é de 84% a favor da redução.²⁶

Outro traço que se destaca nas pesquisas sobre perfil dos manifestantes, e que já ficara evidente nos cartazes exibidos nos protestos, é a crítica a programas que envolvem políticas de reparação, como cotas, ou transferência de renda, como o Bolsa Família. Não parece ser uma crítica aos programas sociais universais, mas a estes que de alguma forma são voltados para os mais pobres e que provavelmente afetam o valor da meritocracia intrínseco aos manifestantes. Essa crítica às políticas sociais focalizadas está na base do surgimento do Cansei, em 2007. O Cansei lançou as bases para a crítica aos governos do PT, a partir de uma bandeira que associava ineficiência na gestão pública, corrupção e aumento dos gastos sociais. Na defesa do Cansei, o jornalista Reinaldo Azevedo articulou essas dimensões nomeando a indignação: o “Movimento dos Sem-Bolsa”:

um grito de protesto da classe média é ilegítimo? É ela hoje o verdadeiro “negro” do Brasil: paga impostos abusivos; não utiliza um miserável serviço do Estado [...]. É o esteio das políticas ditas sociais do governo [...] Eu lhes apresento o MSB: o Movimento dos Sem-Bolsa. Não são nem os peixes grandes, que se alimentam da Bolsa-

²⁵ A pesquisa “Manifestando na Paulista” foi realizada no dia 12/4/2015. Foram aplicados 104 questionários, dos quais 102 foram validados. A pesquisa foi coordenada pelas professoras Mariana Cortês e Patrícia Vieira Trópia da Universidade Federal de Uberlândia.

²⁶ A pesquisa de abril de 2015 sobre a redução da maioridade penal mostra que 87% dos brasileiros seriam a favor. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/04/1620652-87-dos-brasileiros-sao-a-favor-da-reducao-da-maioridade-penal.shtml>>.

-BNDES, nem os peixes pequenos, que vivem do Bolsa Família. A classe média, coitadinha, se financia é nos bancos mesmo, sem taxa camarada. (Azevedo, 2007)

A pesquisa realizada pelos professores Pablo Ortellado e Ester Solano²⁷ durante o protesto do dia 12 de abril revela que a esmagadora maioria concorda com as seguintes afirmações: “Cotas nas universidades geram mais racismo” (70,90%) e “O Bolsa Família só financia preguiçoso” (60,40%). Em outro levantamento, realizado no mesmo dia, ao serem perguntados quais ações do governo afetaram negativamente sua vida: 44,5% mencionaram o Bolsa Família, 43,5% o auxílio reclusão e 35,6% as cotas raciais nas universidades públicas. Sobre as que afetaram mais positivamente, destaca-se o Prouni com 29% de aprovação.²⁸

Contudo, essa crítica às políticas governamentais focalizadas e de reparação parece estar associada a uma defesa da atuação do Estado em outras áreas. Na pesquisa realizada no protesto de 16 de agosto, Ortellado, Solano e Nader (2015) identificaram que a maioria (97%) defende que os serviços de saúde e educação sejam universais e gratuitos e 49% apoiam total ou parcialmente a tarifa zero para os transportes. Esses dados são intrigantes e abrem todo um novo campo de análise. Provavelmente os manifestantes são contra programas de reparação, mas são favoráveis a políticas universais. Afinal, ou a associação entre a direita e a defesa do Estado mínimo deve ser vista de forma mais nuançada no caso brasileiro; ou é preciso problematizar se que quem está nas ruas contra o governo e contra o PT seja apenas a direita, no sentido mais estrito do termo.

No que se refere aos *frames* dos protestos à direita, o que se destaca nessa conjuntura é a associação entre antipetismo e luta contra a corrupção. Como vemos na coluna 3, do Quadro 1, as principais palavras de ordem dos protestos são “Fora Dilma”, “Fora PT”, e “Fora corruptos”, corroboradas pelas pesquisas de opinião que informam que ao longo de 2015 os principais motivos para participar, segundo os manifestantes, foi protestar contra a corrupção, contra o PT e pelo *impeachment*. Isso nos permite sugerir que, embora a crise do sistema político representativo diga respeito a todos os partidos e instituições do Estado, como as pesquisas têm demonstrado, o PT segue como o principal

²⁷ Disponível em: <www.lage.ib.usp.br/manif/>. Acesso em: abr. 2015.

²⁸ Mariana Cortês e Patrícia Vieira Trópia da Universidade Federal de Uberlândia, “Manifestando na Paulista” 12/4/2015.

atingido pelas recentes denúncias. Na esteira do “Mensalão” e do “Petrolão”, a luta contra a corrupção – um tema com crescente apelo popular desde o início da Nova República – tem sido associada à *luta contra o PT*, forjando um enquadramento discursivo com significativa aderência social.

No Brasil, o combate à corrupção tem sido um dos principais *frames* dos ciclos de confronto no período democrático, utilizado como recurso de mobilização tanto à direita quanto à esquerda (Tatagiba, 2014). Não é de hoje o diagnóstico de que o Brasil vai mal porque a corrupção impera. No governo Lula, o cenário econômico altamente favorável limitou o apelo dessa convocação nas ruas; o que não se repetiu no governo Dilma, permitindo que em 2015 mais de 1 de milhão de pessoas tenham saído às ruas para gritar “Fora Dilma” e “Fora PT”. O “Fora PT” tem ainda outro fundamento: as políticas sociais do governo voltadas à inclusão das classes C e D, como as pesquisas recuperadas ao longo do texto evidenciam. O antipetismo está alinhado com nossa cultura política desigual e hierárquica, que se manifestou de forma veemente na oposição a programas tais como o Bolsa Família, as cotas para negros, o Mais Médicos, dentre outros. E, para uma parcela dos manifestantes, o antipetismo se estende também aos símbolos da esquerda de uma forma mais ampla, e em especial ao comunismo. Alguns dos *frames* centrais dos protestos “Fora PT” e “Vai para Cuba” traduzem com exatidão esse *mood* das ruas, presente ainda nos cartazes que diziam “Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire”, “A nossa bandeira é verde e amarela. Nunca será vermelha”, ou ainda “O Brasil não será a Venezuela”. Bem como a concordância com a afirmação de que “O PT quer implantar um regime comunista no país” (64%) e “O PT trouxe 50 mil haitianos para votar na Dilma nas últimas eleições” (42,60%), presentes na pesquisa de Pablo Ortellado e Ester Solano.

De qualquer modo, a força da associação simbólica entre petismo e corrupção também é, paradoxalmente, a expressão da fraqueza desse novo ciclo de mobilizações no que se refere à sua capacidade de forjar um novo projeto de sociedade. O “Fora Dilma” e “Fora PT” não tem como contraface uma dimensão propositiva, ancorada em um projeto político-partidário, que dialogue com os anseios das ruas e construa, na mediação com as instituições políticas, o cenário pós-PT. Suas lideranças estão apartadas das ruas, seja ao definir

Eduardo Cunha como o principal aliado no Congresso, quando a maioria dos manifestantes o identifica como um dos políticos corruptos, seja ao propor um Estado mínimo, quando a maioria dos participantes nos protestos seguem exigindo mais atuação do Estado na saúde e na educação.

As organizações à direita e conservadoras, que atuam nas diversas instituições do Estado a partir de *lobbies* contra os direitos dos trabalhadores e minorias, seguem impondo sua agenda de desmonte e por certo se beneficiam das recentes mobilizações contra o governo. Mas o que as pesquisas sugerem é que os protestos não podem ser traduzidos como expressão de seus projetos políticos, ou seja, não podem ser definidos como protestos da direita ou dos setores conservadores, nesse sentido político mais estrito. O caldo das ruas é mais diverso e mesmos os protagonistas das recentes mobilizações, as classes A e B, não se resumem aos ensandecidos manifestantes flagrados mordendo bandeiras de esquerda ou vociferando seu ódio de classe. O que as pesquisas mostram até o momento é que a visão dos manifestantes como um bloco homogêneo (os “coxinhas” ou a “direita”), embora seja útil na luta política ao dividir os campos em disputa e forjar as distinções significativas, não apreende a complexidade desse ator coletivo que sai às ruas para expressar sua indignação.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, R. *Será que a oposição acordou? E o Movimento dos Sem Bolsa*. 2007. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/sera-que-oposicao-acordou-movimento-dos-sem-bolsa/>>. Acesso em: mar. 2015.
- CAPRIGLIONE, L. et al. *Na Sé, “Cansei” desemboca em “fora, Lula”*. 2007. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1808200706.htm>. Acesso em: mar. 2015.
- CHAPOLA, R.; KATTAH, E. L. *Protesto contra Dilma reúne 500 pessoas na Paulista*. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,protesto-contra-dilma-reune-500-pessoas-na-paulista,1599897>>. Acesso em: mar. 2015.
- G1 SÃO PAULO. *Milhares voltam a protestar contra o governo Dilma em São Paulo*. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/milhares-voltam-protestar-contra-governo-dilma-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: abr. 2015.
- GAZETA DO POVO. *Vem Pra Rua vai defender oficialmente o “Fora, Dilma”*. 2015. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/vem-pra-rua-vai-defender-oficialmente-o-fora-dilma-bcem15ggs0xfkxab6e5utg97e>. Acesso em: abr. 2015.
- HUTTER, S.; KERSCHER, A. Politicizing Europe in hard times: conflicts over Europe in France in a long-term perspective, 1974–2012. *Journal of European Integration*, v.36, n.3, 2014, p.267-282.

- KREPP, A. *MPL acusa onda conservadora e desiste de novas manifestações*. 2013. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298903-mpl-suspende-novas-manifestacoes-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: mar. 2015.
- LIMA, D.; MACHADO, L. *Manifestantes em SP protestam contra Dilma e escândalo na Petrobrás*. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1558809-manifestantes-em-sp-protestam-contradilma-e-escandalo-na-petrobras.shtml>. Acesso: mar. 2015.
- McADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. *Dynamics of Contention*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2001.
- OLIVEIRA, R. de. *Passeata pelas vítimas reúne 6.000 sob frio de 7°C*. 2007. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3007200713.htm>. Acesso em: mar. 2015.
- TATAGIBA, L. 1989, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. *Política e Sociedade*, v.13, n.28, 2014, p.35-62.